

ECOS d'África

Os passos mais decisivos da Obra da Rua foram sempre participados pelos nossos Leitores

E COS D'ÁFRICA é o título mais adequado a estas notas. À hora em que escrevo, o pequenino grupo da Obra da Rua vai a caminho de Moçambique. O eco da sua voz há-de chegar, em breve, assim esperamos.

Os passos mais decisivos da Obra da Rua foram sempre participados pelos leitores d'O GAIATO como se de coisa sua se tratasse. Agora, com o regresso a África — Moçambique e Angola — chegam-nos ecos do sentir das pessoas. Bem sabem o apoio e a alegria que nos dão!

«Acabo de ler o último número do vosso insubstituível jornal e antes que as ocupações e preocupações destas férias abafem o efeito benéfico da leitura, venho agradecer-vos com este modesto cheque que, na minha intenção, se destinaria à Obra da Rua em Angola. Não me canso de dizer 'Obrigada!' pelo bem que fazem (o jornal e a Obra) a tantos que como eu ainda gastam as energias em 'cátedras supérfluas'. Hoje a minha oração será por vós!»

Juntam-se a mensagem e a ajuda material. São dádivas valorizadas pela corresponsabilidade em causas que dizem respeito a todos. A beleza deste projecto da Obra da Rua resulta das pinceladas que cada um lhe põe.

«Creiam-me também um leitor assíduo e que considera O GAIATO, no universo dos jornais que leio, desde diários a semanários, o que me toca mais profundamente... Tudo o que sobrar gostaria de vê-lo gasto no relançamento das Casas do Gaiato de Malanje e Benguela. Quero pôr-me ao dispor para tudo o que vos fizer falta.»

O alicerce das grandes decisões está no coração, no bom senso, na inteligência que recebe a luz do Espírito do Senhor. As pessoas que se dão conforme podem e sabem, são a garantia da segurança do projecto. Sempre de braços abertos para acolher a ajuda de quem vai no mesmo barco da vida. É a experiência da Obra da Rua vivida na hora actual.

«Foi com muita alegria que li no vosso jornal — e nosso também — a vossa ida para Angola e Moçambique. Que Deus vos abençoe na reconstrução da Obra.»

De um velho residente de Benguela veio este testemunho comovente: «Continuo a receber, com regularidade, O GAIATO que leio com satisfação e é o único jornal que, ao lê-lo, pela sua doutrina, me faz chorar! Não sou o Domingos do jornal de 27/7, mas chorei tanto ou mais do que ele ao lembrar-me do que os habitantes da Baía

Continua na página 3



Onde reinar o espírito cristão — afirma Pai Américo — pode sempre dizer-se como no tempo das catacumbas: — Olha como eles se amam!

Há dias, comprei um terreno, localizado nas proximidades da Casa do Gaiato, urbanizável, conforme esperança sugerida pelos técnicos da Câmara Municipal de Palmela, para ser cedido, em lotes com quintal, a rapazes nossos a braços com a tremenda dificuldade de construir a sua própria habitação.

Esta decisão surge na sequência do meu propósito de ajudar cada um dos meus filhos a fugir de se instalar com a família numa barraca ou em condições indignas, e na angústia comungada com alguns deles ameaçados de serem postos na rua, dado que os senhorios têm direito às casas arrendadas para as darem aos próprios filhos.

A oportunidade apresentou-se inesperadamente e,

após um estudo preliminar e simples, comprometi-me a pagar 6.500 contos por cerca de 16.000 metros quadrados de terreno, divisível em parcelas correspondentes a 18 ou mais habitações.

É uma esperança que me alivia a mim e aos meus filhos e um valor que tomo como dom de Deus e quero pôr nas mãos dos Rapazes rogando-lhes que sintam sempre no coração um agradecimento muito vivo ao Pai

que «prepara uma casa para o pobre» como diz o salmista na Bíblia Sagrada.

Aqui, junto do nosso bafo paterno, com a ajuda dos nossos transportes, da mão d'obra preciosa dos mais novos, da colaboração solidária dos outros gaiatos, à maneira de autoconstrução, eu vejo já surgir as casinhas airoas dos meus filhos e netos, cimentadas com o seu suor e amor, rodeadas de árvores, hortas e flores como num paraíso

terreal que eles são capazes de erguer e gozar.

Assim como na nossa Casa que todos sempre ajudaram a construir, a reformar e onde aprenderam a fazer a massa, manejar a betoneira, o martelo eléctrico, o vibrador, a colher, o prumo e a linha, a abrir os roços e a estender tubos de água e luz, a cavar os alicerces e a alinhar as telhas, a fazer cofragem e moldar o ferro, assim eu já os vejo em espectáculo maravilhoso, como um formigueiro solidário, a edificar a casa de cada um.

Será mais uma experiência válida e rendosa sob todos os pontos de vista entre as muitas que a Obra da Rua tem levado a bom termo.

Não se fica por aqui a diligência da Casa do Gaiato de Setúbal relativamente à ajuda na aquisição de casa para os rapazes. Nas cidades e nas vilas agiremos em conformidade com o mercado da construção civil, os programas camarários e governamentais, as capacidades de cada rapaz e os ordenados que auferem.

Queremos ser para cada um a sua verdadeira família.

Continua na página 3

SETÚBAL

Mais uma experiência válida entre as muitas que a Obra da Rua tem levado a bom termo

Moçambique

Uma vasta seara à nossa frente!

Estou na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, frente à campa de Pai Américo. Quis vir aqui sozinho, num momento de silêncio, raro na Aldeia. Quisera poder viver este silêncio, sem pensar: o estar aqui, o entregar-me, o confiar...

O grão de trigo café na terra para dar fruto. Escondido da nossa vista, germina.

A nossa partida, há vinte e três anos, abriu caminho para esta. Uma vasta seara à nossa frente! Muitos grãos de trigo hão-de cair nos sulcos.

A imensa seara de Deus...

Padre José Maria

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• É velhinha. Solitária. Quase cega e incapacitada. Habita uma casa do Património dos Pobres.

Agora, aborda a hipótese dum subsídio de grande invalidez, da Segurança Social, e comenta ironicamente: «Estou a ficar arrumada...! S'a Caixa der..., eu estou cada vez pior. A gente é que não sabe tratar dessas cousas».

Avançámos com o processo. E esperamos deferimento porque, diz ela, «estou a ficar arrumada».

• Depois de alinhavarmos esta breve nota, surge uma decisão do Terreiro do Paço contemplando os que vivem na solidão! Aliás, uma medida de vasto alcance social, eivada de humanismo cristão.

Sobretudo no meio rural, a maior parte dos Pobres preferem continuar integrados no meio do que ser depositados em instituições, normalmente bem planeadas e geridas, quicá onerosas para o erário público, inclusivé.

PARTILHA — O nosso Elísio, uma vez por outra, vem até nós. Agora com «uma pequena migalha para ajuda do caldo dos nossos Pobres». Ele sabe que o caldinho é a melhor refeição dos nossos Pobres.

Oportuna e curiosa presença da assinante 20174, de Coimbra: «Não quis ir para férias sem deixar de enviar uma pequena ajuda para os vossos problemas. Não agradeçam. Pelo movimento da minha conta verei que levantaram o cheque».

O costume, de «Avó de Sintra», com a devoção de sempre. Idem, do assinante 9790: «Junto uma pequena ajuda em cheque e peço uma oração pela Paz e Justiça em todo o Mundo. Que Deus e Nossa Senhora nos ajudem a alcançar estes dons e a guardá-los sempre e sempre, quaisquer que sejam os obstáculos que se nos deparem».

Damaia. Curvemo-nos à passagem desta Amiga: «Junto cheque de 20.000\$00, pequeninos grãos de areia para ajudar a tapar o buraco que entenderdes prioritário. Rogo anonimato e não agradeçam o que é apenas dever de consciência, com imensa pena de não poder ser

mais. Perdoem a forma como este cartão vai escrito, mas os meus 82 anos já não me consentem mão firme, nem vista apurada».

Baguim do Monte: mais um cheque «para a renda da casa da viúva». Outro, da assinante 35193, de Vila Nova de Gaia, para uma viúva — aqui referida — «que vive somente da pensão social. Eu sei que é uma pequena ajuda, mas dada com boa vontade». Mais um conto, da assinante 25219, «que pede um Pai-Nosso pela sua falecida filha». A oração que o Senhor nos ensinou!

Fecha a procissão a assinante 31104 — modelo de perseverança: «Junto cheque referente ao mês de Agosto para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Recebi, hoje, O GAIATO. As palavras a mim referentes comoveram-me profundamente. As lágrimas de que tanto necessitava — pois há muito, muito tempo que não consigo chorar por muito aflita que esteja — foram um bálsamo para o meu sofrimento represado. Bem hajam pelo bem que me fizeram. Peço que continuem a rezar por mim!»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — Os distribuidores d'O GAIATO regressaram da praia de Azurara. Passou mais uma época de férias! Agora..., só para o ano!

Entretanto, esperamos a chegada de mais um ano lectivo. Já está à porta!

AGRICULTURA — O milho será colhido na próxima semana. O silo está preparado para o receber, pois a colheita servirá de alimento para as nossas vacas, ao longo do ano.

A vinha apresenta muitos cachos maduros. Brevemente teremos a vindima. Curiosamente, as uvas «americanas» são uma tentação para a rapaziada! Lá que se coma um cachito... Mas, não devem é subir às ramadas e estragar! Esperamos uma boa vindima, graças a Deus.

MOÇAMBIQUE — Os nossos Padres José Maria e Telmo, na companhia do Jaime, dum rapaz e irmã Quitéria, seguiram

para Maputo. Vão relançar, de raiz, a Casa do Gaiato moçambicana.

Pedimos a Deus que, apesar das tremendas dificuldades que irão encontrar, alivie a sua cruz. E, assim, mantenham aceso o fogo de Pai Américo que teve sempre as terras de África no seu coração. Especialmente as crianças da rua. E há por lá tantas sem pais, sem ninguém, cheias de fome!

Paulo Alexandre («Rambo»)

AZURARA

Praia de um porto encontrado, a julgar pelas gentes que aumentam dia a dia, ao contrário de quando crianças (anos atrás) brincávamos sozinhos com a areia deserta e apanhávamos o lixo para bendizer a natureza...

Como em todos os outros anos, também neste fomos a Azurara! Encontrámos a nossa casa velhinha que entra, este ano, em obras. Anos atrás, essa casa era o castelo dos arredores... Ele imperava. Era a única, sem contar com a então pequena urbanização! Agora, a Gaiavota voou por todos os lados e até piscina e campo de ténis já tem... Casas?! Nem se fala! E é bom que assim seja. O nosso castelo é uma casa com necessidade de obras.

Azurara...

— Estás mudada!..., dizia alguém!

Mas a praia, essa, está na mesma. As pessoas (a maior parte delas) é que são diferentes. Enchem a areia... Os apitos dos banheiros vieram ambientar a paisagem; e até o mar (que também é o mesmo) se ri!

O mar...

Por detrás do mar, disse um dia um velho marinheiro, existe um ninho, um pássaro caído, um ovo rachado. Por detrás do mar existe a algebeira escondida (de ti)...

Por detrás do mar...

O som de um retrato partido no vento! O vento que choca e dança em pensamentos (de mim)... Não existem as folhas das árvores que caem num Outono e cantam no Verão! O Verão é o Outono inventado pelo tempo de um sol maduro... E o mar é a areia do Inverno esquecida nas lágrimas...

Azurara...

Ficou no mar! Até para o ano...

Bento

MIRANDA DO CORVO

FINAL DE FÉRIAS — No dia 16 chegou o último grupo que estava a gozar merecidas férias à beira-mar. Vinham bem morenos e contentes; para trás ficaram as saudades e a esperança de, no próximo ano, lá voltarem. Mas nem por isso a nossa casa ficou vazia; agora está lá uma grande colónia de crianças de Anadia, como já é habitual há muitos anos; desejamos-lhes umas boas férias.

OCUPAÇÕES — Finalmente, a família está toda reunida. E como é grande foi necessário empregar toda a gente,

pois «quem não trabuca não manduca» — já dizia Pai Américo.

Assim, fizeram-se grupos de trabalho, cada qual com o seu chefe para melhor coordenação do serviço. Organizou-se um, encarregue de ceifar erva verde e fresquinha para o gado; outro, que se ocupou dos trabalhos do campo, começando já com o milho que é, neste momento, o que dá mais que fazer. Um terceiro grupo fará limpeza às camaratas, refeitório, copa, sala de T.V., etc.

Cinco dos estudantes de Coimbra estão ocupados na colheita da fruta que começa a amadurecer. Até os «Batatinhas» não ficaram sem fazer nada: manutenção das árvores e dos jardins, regando e arrancando ervas, etc.

No fim, todos estão empregados!

AGRICULTURA — O grupo do milho é, neste momento, o que tem mais que fazer, mas dá conta do recado. Parte já está despontado, e, agora, desfolha-se para no fim se colher a espiga que promete ser boa.

Também parte da fruta foi colhida, nomeadamente algumas pereiras que amadureceram mais rapidamente, e cujas pêras servimos às refeições.

GADO — Uma das porcas teve treze lindos leitões, mas, infelizmente, três deles acabaram por morrer devido a deficiências físicas, ficando ainda dez. Também uma das coelhas teve cinco coelhinhos. O «Cadete» e o «Bica» estavam radiantes de alegria. Bom sinal!

Esperemos que tratem bem deles.

OFERTAS — Têm chegado grandes carradas de iogurtes; frutas e hortaliças que dão para a Casa do Gaiato de Tojal e que, por sua vez, reparte connosco. Aqui fica o nosso muito obrigado a todas as pessoas que oferecem coisas tão boas.

João Paulito

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Mais uma vez vimos até à vossa presença para dar a perceber a miséria que infelizmente impera entre nós.

É o que se passa com duas famílias já vossas conhecidas. A D. Manuela, que tem três filhos menores, apareceu um dia no meu emprego; e antes que lhe fizesse alguma pergunta, disse: «Vê estas negras no meu corpo? Foram feitas pelo meu marido».

O marido desta senhora quando está sóbrio, no seu estado normal, é uma excelente pessoa; mas quando bebe demasiada cerveja, perde o controle destruindo tudo e magoando a esposa. Felizmente, e até hoje, não lhe deu para bater nos miúdos que, ao presenciarem estas cenas lamentáveis, ficariam chocados e tristes.

A D. Manuela já abandonou o marido. Como os miúdos chamavam pelo pai e não tinham outro meio de subsistência, viu-se obrigada a voltar para ele. Confidenciou que lhe entregou no final do mês passado 18.000\$00, o que não é suficiente; e já no mês passado havia

recorrido à sogra, tendo que lhe pagar agora essa quantia.

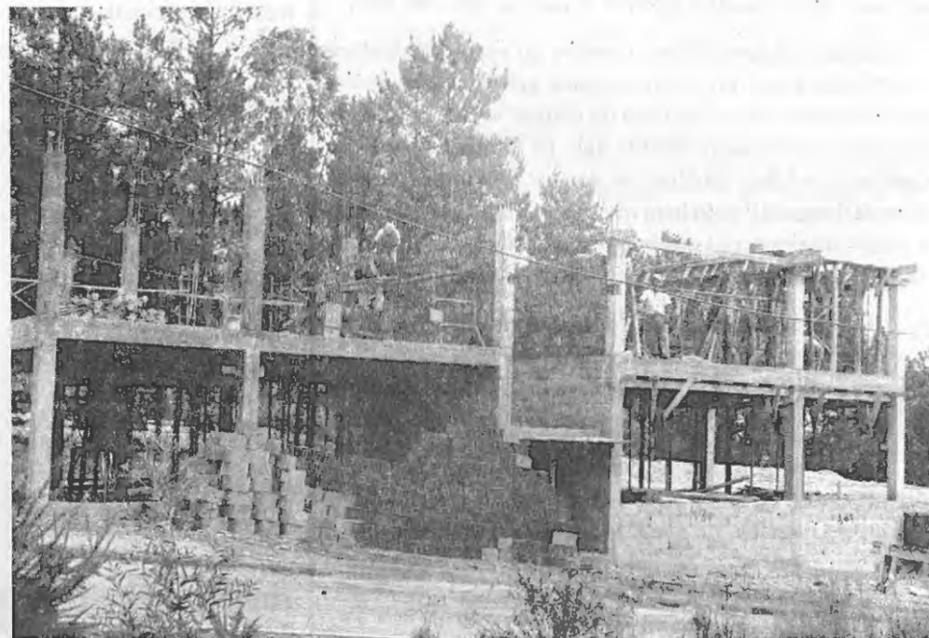
Perante esta situação desesperante e tendo que alimentar e calçar três filhos, agradecemos desde já a ajuda que puderem dispensar em prol desta gente tão carenciada.

A outra família de que falei, é a da D. Antonieta. Esta senhora tem dois filhos menores e sofre de uma doença crónica nos rins. É a chefe do agregado, pois o homem não trabalha. Como agravante, de momento, também ela está sem trabalho, uma vez que ao voltar ao emprego, depois de ter ficado dois dias doente em casa, a patroa já tinha colocado outra no seu lugar. Frustrada, vai agora tentar arranjar emprego e, se possível, ser reformada para assim poder ter algo com que cuidar dos filhos e poder sobreviver.

Esperamos, com a vossa ajuda, que os dois lares possam vir a ter melhores dias. Na realidade, se tiverem algo que possam dispensar, nomeadamente calçado de tamanho inferior ao número 30, agradecemos que enviem para o nosso Lar do Gaiato, sito na Rua D. João IV, 682, 4000 Porto.

Campanha tenha o seu Pobre: Vale de 20.000\$00; de E. M. D., Ermesinde, a importância de 10.000\$00; anónimo 1.000\$00; 5.000\$00; vale de 5.000\$00; anónimo 5.000\$00; assinante 35165, 5.000\$00; anónimo 5.000\$00; a nossa amiga da Holanda manda 7.000\$00; do Alexandre Afonso, 13.084\$00. Que Deus vos ajude a todos. O nosso muito obrigado.

Casal vicentino



Os pilares de cimento, erguidos das fundações, dizem que algo de muito importante desponta — para alegria dos antigos gaiatos.

Cooperativa de Habitação

Porque a «procissão» dos que marcaram a sua presença é mais longa do que o habitual, pouco vamos falar da Cooperativa.

No entanto, informamos que a construção está em andamento e os pilares de cimento, já erguidos das fundações, dizem que, finalmente, algo de muito importante desponta para alegria dos nossos antigos gaiatos.

Com a tua ajuda, o sonho de poucos vai ser realidade para muitos.

É bom salientar, de novo, a presença da

mulher portuguesa, que continua a ser impressionante, como aliás se poderá verificar pelas ofertas abaixo mencionadas. É caso para perguntar: — Onde estão os homens que controlam a riqueza do País? Será que o bom aconchego dos seus lares os faz esquecer outros seres humanos que vivem em péssimas condições habitacionais? Não, não acreditamos seja esta a



Ecoss d'África

Continuação da página 1

Farta, Caóta, Bimbas, Cas-sôco, Casseque, Benfica, Massangarala... terão sofrido com a guerra durante 16 anos. Um velho residente de Benguela pede-lhe que não desista.

Os sinais são pontos de referência na estrada da vida das pessoas e das instituições. O sono é um dos piores inimigos dos condutores. Não deixa ver a estrada nem os sinais. A rotina da vida, o comodismo que se instala, o medo de arriscar, o pessimismo, causas que paralisam e matam a capacidade de nascer e renascer.

Nesta hora, creio — é a opinião dum pobre — os sinais desafiam a capacidade da Obra da Rua para renascer em África. É o caos, à semelhança do princípio, que espera pessoas e instituições animadas pelo espírito de Deus, para ir pondo ordem...

«Li em O GAIATO a notícia do regresso das Casas do Gaiato a África. Tanto entusiasmo, tanta fé, tanta esperança! Quanto aprecio a vossa constância no bem e quanto louvo ao Senhor pela força que vos dá! O resto virá por acréscimo. É obra de Deus e da Igreja. Confiemos todos.»

Há uma sintonia perfeita. Os homens chamam. Os Pobres morrem porque não têm quem lhes anuncie a Boa Nova. A miséria tomou conta. Mas a miséria não tem direitos. Há que arrumá-la. O apelo à Missão fez-se ouvir.

razão, pois os homens também têm coração...

«Ao ler n'O GAIATO sobre a vossa Cooperativa, lembrei-me que tenho a agradecer a Deus a ajuda que me tem dado, pois também estou inscrita numa, a ver se tenho a minha casinha».

Esta nossa amiga, assinante 19259, envia um cheque ao portador de 5.000\$00 e, receosa de extravio, pede para indicarmos a favor de quem, futuramente, deve passar o cheque. A todos os interessados informamos que os cheques em outros valores podem ser enviados a favor da Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

De Mário Sá, Porto, 100.000\$00 «para a compra de algumas telhas dos 19 fogos». Margarida, de Lisboa, 20.000\$00 com a indicação: «Para fazerem favor de entregar ao Carlos Gonçalves para a Cooperativa de Habitação». Teresa, de Coimbra, 50.000\$00. Assinante 14628 — Castelo Branco — 30.000\$00 «para a vossa e nossa Cooperativa». Uma amiga de Lisboa

Bem alto! Ninguém deve ficar indiferente. Os que têm pouco, dêem pouco. Os que têm mais, dêem mais. Diante da mesa vazia, com famintos à volta, quem pode estar à sua mesa (a sua casa, a sua congregação, a sua família, a sua vida) tranquilamente?

«Pensamos, eu e meu marido, mandar uma ajudita para esta missão que ireis cumprir nas terras queridas de Angola e Moçambique. Que Deus seja o timoneiro!»

Os bens materiais são necessários, é verdade. O problema grande, o maior, está nas pessoas, entretanto. A cumprir-se o projecto da Obra da Rua, as reservas humanas esgotam-se, de momento, em Portugal. A fonte não se esgotou nem se esgotará jamais, entretanto. É nesta certeza e só nesta que a decisão de ir é tomada. Suplicamos ao Povo de Deus assumam esta responsabilidade com a Obra da Rua.

«Venho comunicar a V. que fiquei muito alegre com a ideia da vossa Obra ir novamente fazer bem aos nossos queridos moçambicanos e angolanos. Nas minhas pobres orações não esquecerei aqueles que, em nome de Deus Pai, vão para aquelas terras que tanto precisam de tudo...»

Quantos desejariam ir por seus pés?! Há os que não o podendo fazer vão com a Obra da Rua no coração: «Aí estamos de regresso a Moçambique, onde servi como médico militar e também coope-

— 10.000\$00 e escreve: «Venho responder ao apelo dos gaiatos mandando para a Cooperativa de Habitação este pequeno contributo. Não é muito, mas é de boa vontade e como muitos poucos fazem muito...». Virgínia, do Porto, 50.000\$00. Através de Miranda do Corvo, 10.000\$00. Maria Rosa, de Coimbra, uma oferta para algumas telhas. Maria Vilhena — Queluz, 20.000\$00.

Esta «procissão» termina com uma oferta que consideramos muito especial, já que se trata de 50.000\$00 «para algumas telhas», de um antigo gaiato a trabalhar na Alemanha. Estamos certos que até os nossos leitores ficarão contentes com esta notícia. É um antigo filho da Obra da Rua que não esqueceu a sua Casa «mãe» e, hoje, porque tem possibilidades, ajuda os irmãos mais desfavorecidos. Que outros antigos gaiatos, espalhados por esse mundo fora, com possibilidades de o fazer, sigam o exemplo do Agostinho e digam «presente».

Que Deus vos pague.

Carlos Gonçalves

• Estive a lançar na agenda as ofertas dos últimos dias. Que belo acompanhamento a maior parte traz! Em carta de Coimbra, com cheque de vinte, vem este desa-bafo: «O que lemos n'O GAIATO — o único jornal que ainda leio de fio a pavio — faz-nos tanto bem... Quereria dar mais... Conseguirei?» Em vale de correio, de cinquenta, vindo de Alcáçovas, uma viúva fala da sua solidão e da companhia que O GAIATO lhe faz. Uma Amiga, de Tomar, não foi capaz de ir para férias sem partilhar connosco o que lhe foi possível. De Albufeira, vem uma velha Amiga que nos diz estar um pouco esquecida de nós e fala do filho de 16 anos a descobrir a vida que lhe parece muito estranha.

A partilha da nossa vida é o maior sinal de aliança. No domingo, na igreja da Figueira da Foz, senti a força da Obra da Rua ser Obra do Povo. É de todos. Não tem

rante civil; minha mulher leccionou no Liceu como já antes acontecera em Goa. Nessa altura não se cooperava a troco de U. S. dólares e acreditava-se no génio da pátria pelo mundo em pedaços repartida! Nós ainda acreditamos sem saudosismo teimoso... Um desejo muito, muito veemente e sentido pelo sucesso da Obra nessas terras que tanto precisam de vós».

Se Moçambique e Angola necessitam de investimentos financeiros, não precisam menos do investimento humano.

Os ecos não pararam...

Padre Manuel António

TOJAL

VACARIA — Durante o mês de Julho (parece ter sido o mês da criação!), na vacaria nasceram mais três vitelos; nos patos, doze; e nos porcos, dez leitões. Tivemos cá a enfardadeira. Foi mais fácil transportar o feno que apanhámos. Deu para encher o palheiro e dar de comer a muitas bocas na vacaria.

HORTA — Estamos na apanha do tomate. Parece haver bastante. Já é vulgar termos sempre uma boa colheita, graças a Deus.

A apanha da batata foi mais tarde. Em relação ao ano passado, a colheita é menor, mas ainda deu para encher o celeiro.

OBRAS — No mês passado começaram na escola. Bem precisava, pois as paredes estavam a rachar. Depois das obras prontas, parecerá outra coisa.

Quase toda a área principal da nossa Casa está calçeteada. Tem dado muito trabalho, mas depois de acabada até dará prazer ver.

No meio de um dos jardins estamos a construir um lago. Os serralheiros fazem as canalizações, pois, com o calor, as flores precisam de ser regadas todos os dias.

Tribuna de Coimbra

cor. Não tem raça. Não tem terra. Não tem partido. A Rua é de toda a gente. Os nossos filhos são filhos de toda a gente. Fez-me muito bem o ar sério e também os rostos sorridentes daquela pequena multidão que encheu oito vezes a igreja e colocou nos cestos seis centenas e meia de contos.

Encantou-me, na Praia de Mira, aquele homem que me procurou seis vezes para entregar o primeiro aluguer de andar que conseguiu: «Tinha doze anos quando fui trabalhar para a Venezuela. Tenho trabalhado muito. Não devo ficar com este dinheiro. Não é o dinheiro que nos leva para o Céu. Precisamos é de fazer boas obras». E despediu-se feliz.

Vamos seguir a nossa agenda desde princípio de Maio: a Amiga, de Alcorochel, que aparece todos os meses; a Amiga, de Montemor-o-Velho, que faz o mesmo; Pais a recordar o filho António Miguel; muitas cartas e presenças anónimas no nosso Lar de Coimbra; dez, mais cinco, mais cinco, de Coimbra; peregrinos de Fátima que quiseram deixar uma lembrança; 32.285\$00 do ofertório na igreja de S. Martinho; vinte e cinco, de senhora do Rossio do Tejo; o Amigo, de Braga; os Amigos, de Cabaços; 261.000\$00, de grupo amigo dos arredores de Aveiro; cem, por alma do «Tio João»; várias presenças da Sertã.

Mais seis, mais cinquenta, mais dois, mais vinte e cinco e meio, entregues pelo prior

de S. José; muitos mais, de Coimbra; quinze, mimos e a visita de alunos da Guarda; 9.310\$00, de excursão de Seia; Amigo, de Carnaxide; Amigo, de Murte; dez, para ajuda de telhas; vinte, de irmã de sacerdote que o Senhor chamou; cem, de irmã a recordar a ordenação sacerdotal do irmão que foi sempre muito nosso amigo; a visita de viúvas de Espite; o Amigo, de Lagos; a profes-sora, de S. Jorge; cinquenta e muitos recados e muitos Amigos, de Tomar; a Amiga, de Amadora.

De Condeixa, de Soure, de Pombal; sessenta, de grande Amiga, da Covilhã; e da mesma terra, cinquenta; Amigos, da Póvoa de Varzim; o casal de Cebolais de Cima e o de Pereira do Campo e o das Meãs; velha

Amiga, de Coimbra, com 82 anos; muitas presenças de Lousã e de Mira também; as amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel que aparecem desde pequeninas; 5.700\$00, de grupo de Colmeias; trinta, de casal de Torres Vedras; vinte, mais dez, de sacerdotes em Mira; sete e meio de velha Amiga agora a viver em Almada; dez, de notário amigo; vicentinos e pároco de Anadia vieram trazer cem contos, mercearia e panos e muita amizade.

Castelo Branco, Figueira da Foz, Condeixa, Mealhada, apareceram várias vezes; Ceira, a minha aldeia, Carvalhal de Passos, S. Pedro de Moel, Praia de Mira, Casas Velhas, Vilar Formoso; Febres e Mortágua também apareceram. Com todos damos graças a Deus.

Padre Horácio

DOCTRINA



Acto de humildade

• Quem começou há quatro anos, sem apoio nem opinião nem recursos de ninguém, com um grupo de vinte e sete gaiatos, em toca angustiosa, no meio de pinheiros; quem foi pedir para eles nesse ano, à Figueira da Foz, e regressou a casa com três placas de prata; quem ouviu então com os seus próprios ouvidos, de pessoa veneranda, um «Você é imprudente metendo-se em terras da província com garotos da rua, a coisa pior do mundo»; quem passou pela malha de todas estas e de muitas mais experiências, de que os leitores têm sido testemunhas e hoje levanta a notícia de posse da Casa do Gaiato — esse quem não tem outro remédio senão levantar as mãos ao Céu e agachar-se cosidinho à terra, não vá ser arrastado pela marcha veloz da vaidade e morrer afogado no enxurro. O equilíbrio nas alturas é sempre muito difícil.

• Começa hoje a primeira semana do terceiro e último turno das Colónias dos gaiatos, que no fim se hão-de despedir do povo e do lugar, porquanto o ano das festas do Centenário também é festa para os nossos ca-traios: inauguraram eles a sua nova Casa em Miranda do Corvo, cercanias do rio Dueça, serra da Lousã à vista. Eles já o sabem; e o «eh!, pá, temos uma quinta» é frase que passa em alegre esfregar de mãos! Chama-se

a Casa do Gaiato Pobre e hei-de explicar-te melhor a finalidade dela, quando te for pedir dinheiro para a pagar. O qual dinheiro há-de sair todo das algibeiras de quem no tem. Eu já vejo antecipadamente, na palma da minha mão, as quarentas notas de conto feitas no Banco de Portugal. Não que eu tenha confiança em ti, mas sim porque sei a Quem sirvo e conheço Aquele em quem acredito. Nesta hora amargurada de receios, de dúvidas, de inquietações, de incertezas, faz bem à alma da gente ouvir e ver realizado no mundo o atrevido e enérgico scio cui credidi et certus sum do apóstolo S. Paulo.

• O nosso labutar de cada hora, em prol das classes humildes e sofredoras, não é tanto para aliviar como para cristianizar. Nós queremos ser o semeador que passa a lançar intencionalmente, silenciosamente, o grão de semente nas almas, como o lavrador nas jeiras; e o nosso bom Deus dará o crescimento em tempo oportuno. O germinar, o crescer, o florir, o frutificar da planta — nada é da conta de quem semeia na terra nem nas almas. Desejaríamos que as nossas palavras fossem carvões acesos, dessem às almas o alerta da Vida e a compreensão de que a Eternidade não é de maneira nenhuma aniquilamento ou fim, mas é antes a posse de si mesmo no gozo absoluto do bem que cada um faz, sem mescla de sofrimento. É este pensamento vivo e vívido que nos força a dar às Colónias de Férias a forma cristã e a terminá-las sempre com sua festa eucarística — a hora mais cheia e mais feliz.

D. Américo

(Do livro Pão do Pobres — 2º vol.)

TIPOGRAFIA — Durante o mês de Agosto esteve fechada e os trabalhadores de férias. No princípio de Setembro será a vez da carpintaria estar sem mestre.

OFERTAS — Recebemos muitas ofertas: melão, bananas e iogurtes. Por ser em grandes quantidades repartimos com as nossas Casas do Gaiato de Setúbal e de Miranda do Corvo.

Luís Miguel Fontes

DESPORTO — Ainda não começou a nossa preparação para esta época, mas tivemos um jogo em Julho e ganhámos por uma boa margem. Vamos apresentar uma equipa bastante jovem, muito forte no seu conjunto.

Ângelo Ferreira

SETÚBAL

Continuação da página 1

Uma família pode ser pobre, sim, mas digna.

Para este empreendimento espero a compreensão e a ajuda da Câmara Municipal de Palmela e tenho a certeza de que elas não me vão ser regateadas, no que diz respeito a projectos, abertura de estrada e ligação de luz.

Padre Acílio

NOTAS DO TEMPO

• Chamaram-nos a atenção para uma breve notícia no *Diário de Notícias* de 9 de Agosto passado sob este título e subtítulo: «PERU 'EXPORTOU' 800 CRIANÇAS Suspeitas de tráfico para transplantes»

E o texto informa que «a magistrada Flora Arteaga foi incumbida de investigar os casos de adopções irregulares, nomeadamente a actuação de alguns Juizes de Menores e Fiscais do departamento de Junin, que facilitavam os trâmites legais em 48 horas, tendo detido até ao momento 15 pessoas». E acrescenta: «Várias entidades do Peru, incluindo a sua Conferência Episcopal, denunciaram a existência de uma rede organizada de adopções de crianças para 'exportação'. As autoridades estão preocupadas com a possibilidade de estas adopções estarem associadas ao tráfico e morte de crianças para venda de órgãos para transplantes». E, por isso, «o Governo criou recentemente uma disposição que estabelece um registo de adopções no Ministério dos Negócios Estrangeiros, sem o qual nenhuma criança adoptada poderá sair do país».

Apetecia-nos descrever da veracidade da notícia. Mas nem o jornal onde a lemos é órgão de sensacionalismos mórbidos como os há proliferando por aí, nem faltam no texto dados objectivos que nos facilite pensar em notícia forjada por fontes menos sãs. Assim, como não serão sem fundamento as suspeitas

sobre a finalidade destas «adopções» e a preocupação das autoridades, que levou o Governo do Peru à medida citada.

É chocante como desequilíbrios e paixões dos homens desvirtuam os progressos da Medicina, as maravilhas que a sua técnica é capaz de operar, voltando-os contra o próprio homem, quase sempre na exploração e opressão dos mais fracos.

Um país pobre a 'exportar' para países ricos. (São citados na notícia a Itália, os Estados Unidos, a França e a Alemanha.) Crianças, a «matéria» manipulada, no interesse de quem a vai pagar caro e no lucro de quem proporciona o «negócio».

É horrível pensar que isto é possível num mundo que se reivindica de civilizado e onde o mais abjecto canibalismo encontra espaço de liberdade de acção! E no entanto, se pensamos na droga, na prostituição, nos circuitos estabelecidos destas e outras formas de novas escravaturas em que o dinheiro é rei e senhor até agora invicto — temos que admitir que é possível.

O dinheiro, *pai e mãe* de todas as drogas, o motor de toda a degradação humana! Não é por acaso que o Evangelho o apresenta como a personificação do anti-Deus: *Mannona*.

• Visita de um velho Amigo, há muito sediado na Austrália, trouxe-me imagem diferente da que tinha do país; infelizmente para pior.

Eu pensava num país de vanguarda onde a competência fosse um culto e o trabalho uma atitude decidida da generalidade do seu povo. Ao que me foi dito não é assim. Rareia a competência própria entre os cidadãos e há um ciúme aguerrido dos competentes estrangeiros que aparecem e dificilmente vencem porque lhes é negado o espaço e a oportunidade. Daí que a situação do país se aproxime mais do «terceiro» do que dos dois mundos anteriores, com desigualdades sociais acentuadas, embora sem os extremos nos estratos mais baixos que são regra em outros continentes.

Esta informação veio aflorar em minha memória a tristeza que trouxe do Brasil perante a contradição da miséria num país rico, explicada, sobretudo, pela inoperância de multidões que fogem ao trabalho, que recusam acesso à cultura e se tornam presas fáceis da exploração de alguns que somam poderes em suas mãos e os exercem em seu proveito, sem escrúpulo de atropelarem seja quem for, nomeadamente os menos capazes de se defenderem.

Seria preciso que os mais capazes, os que por virtualidades próprias e pelo mérito do seu esforço se guindaram aos níveis mais altos, fossem também apaixonados pela elevação dos seus concidadãos; e, em vez de os pisarem, se dessem as mãos numa tarefa gigantesca de educação. É a ideia mestra deste velho Amigo, que vê todos os desequilíbrios sociais sob esta perspectiva e reduz todos os

problemas a um problema de educação!

Mesmo sem o testemunho deste Amigo sobre o país em que vive, me parece que ele tem razão. Há muitos anos em contacto com formas variadas de miséria, nos apercebemos de que a principal componente dela é a falta da educação, nomeadamente a educação para o trabalho como a única fonte segura e digna de prosperidade.

Mas onde os educadores, se é a própria sociedade que deseduca pela multiplicação de miragens que apresentam a riqueza fácil pela via da sorte, e raramente enaltece a via do trabalho, aquela que está aberta a todos e constitui o caminho normal de todo o desenvolvimento, não apenas do económico mas o do homem em todas as suas outras dimensões?!

O mundo materializado quer fugir ao «comerás o pão com o suor do teu rosto». Mas não foge. Ou não terá pão para comer, ou terá pão amargo, fruto de todos os desregramentos, mesmo quando sofisticados artifícios procuram escondê-los sob um sabor inicialmente bom... que acabará, fatalmente, amargo.

O meu Amigo é capaz, mesmo, de ter razão na sua afirmação universal de que todos os desequilíbrios sociais são um problema de educação.

Padre Carlos

Encontros

Em Lisboa

Nesta altura do ano, a nível das comunidades cristãs, paróquias, movimentos e dioceses, vive-se em grande azáfama. Prepara-se o ano pastoral. Na catequese, nos grupos, na liturgia, tenta-se encetar com ânimo a actividade. Muitos se preocupam com as linhas de força que hão-de guiar o trabalho pastoral e a forma de as concretizar. Se pudéssemos ir espreitar um pouco por todo o lado, ficaríamos deveras abismados com múltiplas riquezas que o Espírito Santo derrama na sua Igreja.

Inseridos na Igreja diocesana de Lisboa, onde vamos ocupando o nosso pequenino lugar, sempre com receio de não o estarmos a ocupar convenientemente, sentimo-nos interpelados pelo Programa Diocesano de Pastoral 91/92: OPÇÃO DE POBREZA E SERVIÇO DOS POBRES.

A introdução situa a opção agora realizada, integrando-a no conjunto do projecto pastoral. Diz-se: «Tem-se procurado, na nossa diocese, orientar a acção pastoral programada a partir de uma visão global do mistério da Igreja a edificar, enunciada no Plano de acção pastoral.

Inspirada numa eclesiologia de comunhão, a acção pastoral visa construir comunidades vivas, em que a vida cristã brota da fé, enraizada na Palavra de Deus, se exprima na caridade que é intimidade com Deus, amor fraterno, disponibilidade para o serviço, corresponsabilidade na missão».

O texto diocesano continua: «Para o cristão, viver em comunhão eclesial é aceitar que as exigências da caridade repassem todas as dimensões da existência, o que somos, o que temos, o que fazemos. Viver ao ritmo da caridade é, necessariamente, partilhar a vida, disponibilizar tudo para a construção do Reino de Deus. Isto significa que é preciso, pastoralmente, valorizar a virtude da pobreza, como expressão da caridade, enquanto disponibilidade do que somos e do que temos».

Sinto grande alegria com todas as coisas bonitas que aqui se dizem: «construir comunidades vivas», «vida que brota da fé», «enraizada na Palavra de Deus», «se exprime na caridade», «amor fraterno», «disponibilidade para o serviço», «corresponsabilidade na missão», «disponibilidade do que somos e temos».

É agora o tempo para realisar tudo isto. Vamos tra-

balhar, concretizar, purificar. Vamos ao encontro da «irmã pobreza». Estou convencido que, na medida em que formos mais pobres, encontraremos os irmãos pobres.

No momento em que escrevo, Padre José Maria e Padre Telmo voam a caminho de Moçambique. Regresso de os acompanhar ao aeroporto. Sinto que, com eles, voa também uma parte de mim. Quanto rezo para que tudo dê certo!

Preocupado com a partida dos dois Padres da Obra da Rua e, em breve, com a partida também para Angola de mais um Padre, fez-me bem ler o programa pastoral diocesano: «É preciso, pastoralmente, valorizar a virtude da pobreza, como expressão da caridade, enquanto disponibilidade do que somos e do que temos». Poucos como somos, aí estão os Padres da Rua ainda mais pobres com estas partidas. O que somos estamos a dar. O que temos será repartido por mais estas duas frentes de solidariedade que se apresenta diante de nós. Caminhos do Evangelho em que a única certeza será: «O pobre clamou, o Senhor o ouviu». Feitas as contas, nada faltará, pois estamos crentes que é o Senhor que manda pôr a mesa e convida para o banquete.

Padre Manuel Cristóvão

• Abriu muito os seus olhos amendoados e mansos quando lhe perguntei se tinha trazido almoço.

— Almoço? — repetiu. Compreendi no seu silêncio: Almoço e jantar não têm sentido... Come-se quando aparece. Uma refeição quando há.

Ele foi nosso menino «gaiato». Encontrei-o agora com 22 anos. Trabalha numa oficina por cinco mil por mês. Ferros e chapas não se digerem.

Farei compreender a este rapaz que é possível; que a terra mãe é pródiga e capaz de dar cem por um quando nos debruçamos sobre ela com amor pelo trabalho quotidiano.

Haverá, de novo, bananas na beira dos taludes; gado nos parques e leite nos estábulos.

Não devemos iludir-nos por mais tempo com a ilusão dos lucros no negócio das feiras. Comprar aqui, vender além no círculo estafado da fome. Vamos todos compreender e reagir — regressando com determinação às nossas lavras.

Só o trabalho nos levará às fontes da alegria e da paz.

Governos, igrejas e escolas devem fazer entender ao povo que os mercados paralelos, à margem da lei, estão matando a vida; que a paz se constrói pelo trabalho — não se sustenta pelos tratados; que o comprar por cinco e vender por cem não é uma criação, mas infâmia revoltante que aumenta a nossa fome.

Vamos, de novo, dar vida aos campos, aos rios e ao mar!

Malanje

• Os países ricos ainda não compreenderam (compreenderão algum dia?) que as sobras (poucas, pois a maior parte apodrece nos grandes supermercados, nos cais e porões) nada resolvem e muitas vezes ficam nos longos caminhos.

A própria ideia do «Outro» foi comida pela ferrugem dos cifrões nos porões desta nossa civilização.

Precisamos, sim, de ajudas que partam do coração e atinjam as pessoas. Os pontos de mira nunca poderão ser os diamantes, as madeiras e o comércio rendoso.

Um ano de ajuda gratuita! Nos hospitais, campos agrícolas, oficinas e escolas... Isto, na verdade, seria uma ajuda necessária e benéfica.

Lembro o Eng.º Valdir ensinando os camponeses a fazer viveiros de couve; um veterinário búlgaro vacinando gado; outro búlgaro, agrónomo, explicando a rega dum campo de tomate.

• Multidão de crianças brincando nas ruas! Ruas cheias!

Quanto me impressionou a lembrança das nossas ruas portuguesas, desertas e tristes... Aldeias, antes, com dezenas de crianças nas escolas, campos e ruas, agora uma só professora com 6 a 8 alunos.

Fenómeno desastroso em todos os aspectos — sociológico, espiritual e familiar.

Como lago vazio sem rãs! Tive este pensamento à beira do riacho onde foi a nossa lagoa. Nela, o coaxar das rãs, a lua mergulhando, os barcos e os estalidos das tilápias.

Alguém, à picareta, rompeu a barragem e esvaziou-a.

Num só dia se comeram os peixes; morreu a vida; esvaiu-se o sonho dos barcos e da lua mergulhando.

Como aldeia sem o riso bonito e aberto das crianças!

Padre Telmo



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 400398 — Depósito legal 4239

Tiragem média por edição no mês de Agosto: 74.900 exemplares